



# Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 428 — Preço 1\$00  
6 DE AGOSTO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Duas Datas

**Ambas carregadas de religiosa recordação:**  
29/Julho/1929 - Missa Nova de Pai Américo.

4/Agosto/1957 - Ordenação de D.º Manuel António.

Se a primeira marca o início de uma vida sacerdotal cheia de frutos de renovação, a segunda significa, na continuidade da missão de Pai Américo, um renovo feito de aprovação e compromisso pela Santa Mãe Igreja.

Nesses dias, em todos os Altares das nossas comunidades, e aqui em Moçambique, haverá reunião festiva de acção de graças. Muito presentes em nossa intenção não-de estar os dois Bispos por quem a Mãe falou aquelas duas vezes: Senhor D. Manuel Luís, que Deus tenha em Sua Glória; Senhor D. António, que Deus conserve e avivente.

# Setúbal



pergunta ritual de quem nos visita e observa o largo movimento de obras em que andamos envolvidos, insiste no mesmo ponto: — isto é compartilhado pelo Estado?

E à nossa resposta negativa segue-se o espanto: — mas como é possível? — Nem nós sabemos como é possível. Se nos puséssemos a calcular a grandeza das dificuldades e a dimensão das aflições que as obras nos trazem, antes de as começarmos, não daríamos um passo. Abalançamos não confiados no dinheiro que não temos, nem em nada a que nos asseguremos, mas na Providência Viva, Activa e Amiga dos homens e, sobretudo, dos homens abandonados. Quem não acredita que venha ver; pode, até, observar as nossas contas, que as temos feitas. Aconteceu-me, há uns sábados, depois dos pagamentos, ficar com 4\$30 em moedas pretas. Quem não acredita, que observe se já despedi os operários, ou se o ritmo das obras diminuiu. E como pode ele diminuir, se as construções são urgentes para o bem dos meus rapazes que passam dum centena? E como pode ele parar se os casos de aflição, à procura de amparo para abandonados, aparecem todos os dias e em números assustadores?

Ainda há dias, eu fui buscar um aos cemitérios vivos de Setúbal. Eu conhecia a família, desde que pisei pelas primeiras vezes as ruas sadinas. Moram num quintal, junto dum outra família que eu vi desaparecer — filho, pai e mãe.

Aquela família foi, até, dos meus primeiros amores. Havia já perto de dois anos que por lá não passava. A mãe vem lançar-me um S. O. S.:

— O senhor Padre nunca mais lá foi. Eu sou a mulher a

quem deu um cobertor. Que morava junto da barraca do Dominginhos. Os pobres lá se lembram destes sinais. Nós esquecemo-nos. Basta que o Pai do Céu os registre.

Então? — O meu marido está tuberculoso, mais duas meninas contaminadas em tratamento na Assistência e o meu menino também. — Ó mulher, eu vou lá buscar o menino.

Aquela mãe deslumbrou. Eu não devia ter dito isto. Tenho já tantos e às vezes não dou conta, mas aquela família foi dos meus primeiros amores e eu caí pelo coração. Foi ele que fraquejou.

Não te descrevo o ambiente. Não tem descrição possível. Era meio dia. O sol de Julho

Continua na página dois

Passo por cima da cronologia. Deixo, por ora, tantos pensamentos que nos têm enchido e quero comunicar — e falo de hoje, da minha Missa de hoje na palhota do bairro indígena, onde moram as duas Irmãzinhas de Jesus.

Toda a tarde de ontem, andei por lá com os vicentinos de Lourenço Marques. O «Zé dos Pobres» era velho conhecido. Ao Dr. Soares já o conhecia de tradição. Património, Lar dos velhinhos e meandros daquele povoado de cubatas — foram o objecto da nossa visita. O bairro indígena é um labirinto. Eu julguei que atinava sozinho e hoje não quis guia, mas houve que mudar de rota muita vez, para chegar à estrada da civilização.

Já em Luanda, a impressão foi semelhante: muito favorável em comparação com barredos e curruleiras e bairros da Parceria... Menor densidade de construções; quase sempre um recinto fechado em volta delas. Algumas, mesmo, vão buscar o velho estilo colonial, de varanda em redor, e chegam a ser en-

# África

graçadas. Se nos lembramos que é agora o pino do inverno e a batina em cima da camisa que é suficiente contra o frio, nada aflige aqueles espaços menos fechados entre as canas postas ao alto, que fazem a parede. Os casebres do nosso Douro e Trás-os-Montes, feitos de pedra sobre pedra, em ameaça permanente de ruína, deixam entrar com mais franqueza os ventos e a chuva que muitas vezes em cada inverno alagam o piso de rocha ou terra batida!

Vimos encontrar, até, junto à Missão de Xipamanine, três casinhas no estilo e material indígena, mas muito graciosas e higiénicas, onde moram duas velhinhas e uma família numerosa, cujo pai está doente. São uma espécie de Património original, mas obediente aos princípios gerais que norteiam a construção: segurança e suficiência de dimensões e divisões para a higiene física e moral de quem a habita. Foi um Padre Pedro quem as ergueu, mas não o celebrado de França. Tudo muito limpo. As velhinhas muito contentes e mais ainda quando receberam uma moeda. Uma delas, bastante alquebrada, ainda esboçou uns gestos em ritmo de samba, e disse na sua língua agradecimentos que os seus olhos deixavam entender.

É no meio deste bairro, em uma palhota que apenas se distingue pela cruz colada à porta, com as palavras Cristo-Amor, que moram as duas Irmãzinhas de Jesus. Entra-se para uma sala pequenina. A separar a Capela duas esteiras que denunciam a luz da lâmpada junto ao sacrário. Atrás, um pátio fechado por outra palhota que serve de cozinha e dormitório.

Jesus mora ali, com as Irmãzinhas dEle, separado por uma parede de caniço de um mundo que O desconhece e O não ama. Impressiona a magestade daquele Altar tão simples. A Missa tem o sabor de uma primeira Missa. Jesus está ali, muito pertinho do Mundo aonde veio para salvar. É extraordinariamente fácil senti-lo e falar-Lhe de coração a coração. Ele chega-se assim ao nosso, para sentirmos a Sua pulsação e pulsarmos com Ele. A memória traz-nos ao de cima imagens de templos cheios de beleza, de uma beleza tão reflexa da Beleza Incriada que tem sido oportunidade de conversões. Aqui, a beleza é diferente, mas reflecte — e parece que mais de perto ainda — o mesmo Deus. Saboreamos caminhos de contradição e encontramos face a face com o Mistério de Jesus-Amor.

«Que felizes, as Irmãzinhas» — dizia-me o Júlio no regresso. É verdade! Que feliz seriam os homens se penetrassem no Mistério de Jesus-Amor!



Casa mãe, Escolas, Capela. Um dos conjuntos mais belos desta tão linda aldeia. Os batatas à padiola, o cruzeiro. Onde começa e acaba o dia!

# NOTA DA QUINZENA

É uma história proibida que pomos diante de vossos olhos. Elas são o «pão nosso» de cada dia, na nossa vida de Padres da Rua.

Se quiséssemos passar adiante, não fazer caso, arrumá-las para um canto, como se arrumam velhos livros de contos de fadas que já não servem para nada, ser-nos-ia muito mais cómodo. Mas não pode ser assim. E damos graças a Deus, por não nos ter deixado ainda cair na rotina e indiferença (pela força do hábito) de julgarmos natural o que é anti-natural, porque desumano.

A verdade quer ser conhecida para ser Luz, embora os homens teimem, por vezes, em fechar-lhe os olhos para não a verem. E histórias como esta são autênticas. São a voz da verdade que não podemos deixar de escutar para que se faça Luz.

— *Foi a fome que me levou à miséria*—. É a explicação desta mulher solteira, mãe de 4 pequenos que não sabem quem é o pai. Esta foi a resposta a uma pergunta discreta, feita muito a custo, com receio de ferir uma honra que foi roubada, mas não perdida. Roubada a troco de um bocado de pão ou promessa de uns magros tostões. A lei do mais forte mandou e não houve quem viesse em socorro do mais fraco.

Pois esta mulher, com a mãe

tuberculosa em último grau, a viver numa casa que tem por soa-lho a terra negra do chão nu e por tecto um telhado esburaca-do, com quatro pequenos ao seu redor, que há-de fazer? Que a segura, para não cair nas garras traçoeriras dos «ladroões» da honra alheia? — Quantas vezes a vimos junto de nós pedindo, não para si mas para a mãe e para os filhos. A nossa felicidade su-prema está aqui: — sermos tes-temunhas deste heroísmo e poder dar a mão a quem caiu mas não quer cair mais.

A história continua. Um dia destes, veio, como de costume, em busca do necessário para viver. Encontrou-me de surpresa, numa encruzilhada das ruas da nossa Aldeia. Logo, de princípio, notei que algo de anormal se passava dentro dela. Queria falar e a voz prendia-se-lhe. Era assunto muito importante o daquele momento.

— *Ponha-me os meus filhos na roda*—. Porquê, mulher? Não tenho que lhes dar de comer e ouvi dizer que a Guarda não deixa pedir e eles morrem à fome. São 4 bocas ainda pequenas mas que precisam de muito comer, com a mãe e a avó que mais parece um montão de ossos. Esta é a verdade nua e crua que muitos ouvidos não gostam de ouvir. Apeteceu-me pegar naquelas quatro vítimas inocentes e trazê-las para junto dos nossos 180. Seria de-

sumano se o fizesse. Seria um roubo. Seria, talvez, ocasião certa de novas quedas. O ambiente natural onde se faz o crescimento da pessoa humana é a família. Primeiro, a do sangue. Quando aquela falta, ou é incapaz, então substitui-se por outra. Esta mulher é capaz de educar os filhos. Não foi por falta de amor que nos pediu para os pôr na roda. Pelo contrário, era o desejo de os ver felizes, com o necessário para o seu crescimento normal. E tanto assim é que, mal ouviu o nosso: *não pense nisso e venha cá todas as semanas com a saca para os mantimentos* — os olhos brilharam e o rosto ficou outro. Está aqui a nossa felicidade suprema.

Casos como estes, exigem a criação em cada paróquia de um Centro de Assistência, onde os pobres encontrem o amparo de que precisam, para não terem necessidade de andar de porta em porta a mendigar o pão de cada dia.

«Cada freguesia cuide dos seus pobres» — eis o princípio que deveria orientar toda a legislação de repressão da mendicidade. Pai Américo não teve ainda a alegria de o ver em prática, em todas as freguesias de Portugal, mas espera como também o esperamos que se torne consoladora realidade.

Padre Manuel António

## Carta do Júlio

*Cumprimos o itinerário marcado para a província de Angola! Cumprimo-lo, apesar do pessimismo manifestado por quem conhece e reside há muitos anos nesta parcela da Mãe Pátria. Foi uma viagem supersónica — e continuará a ser, se Deus permitir — até ao fim. Mas, além dos dois meses que destinámos, não podemos ir. É pouco para um estudo e uma acção profunda, dentro dos objectivos que trouxemos. Porém, levaremos frutos suficientes e isso é, de facto, uma grande consolação.*

*Que dizer de Angola? Tenho imenso para revelar. No entanto, compete-me, simplesmente, ser breve nas minhas considerações e dar ao Senhor Padre Carlos a oportunidade de explanar conforme pode e sabe as inúmeras lições e conhecimentos e frutos colhidos.*

*Apesar do problema do desemprego que se vai notando, infelizmente, nos locais visitados, conseguimos alguns empregos e promessas de outros, quando a situação melhorar. A crise económica que a província atravessa, deve-se à baixa de cotação do café. Eu não percebo nada de economia e finanças, mas sur-*

*prende-me que numa terra enorme, com tantas fontes de riqueza, a sua economia esteja praticamente dominada pelo café.*

Encontrámos o Adriano Castanheira, o Coimbrita, o Tonió (o célebre Tonió das colónias de férias) e o Artur Nigthingale. Dos de Luanda já falei. Esses que aí enumero estão todos bem, graças a Deus. Todos vivem de cabeça erguida. São bandeiras desfraldadas que honram a Obra da Rua e dão ânimo para que venham outros e outros e outros enraizar eficazmente a nossa presença neste torrão bendito de Portugal africano.

Agora é a vez de descrever o entusiasmo dos nossos amigos. Não quero dizer mal, mas, em consciência, devo informar que quanto menor a localidade visitada, tanto maior o entusiasmo. Isto compreende-se. Nas grandes urbes a vida de relação, o trabalho, os divertimentos, o cosmopolitismo deforma a sensibilidade. Por isso, de todas as localidades visitadas, Vila Lusó, Sá da Bandeira, Silva Porto e Uíge, levam a camisola amarela. Por lá colhemos muitos assinantes. E quantos e quantos há-de ir parar a Paço de Sousa! A propósito: nas vésperas da nossa partida de Luanda, recebemos uma carta da C. A. D. A., uma grande empresa da Gabela, informando-nos que o gerente havia decidido fazer uma campanha de assinaturas pró «Famoso» em todas as fazendas da Companhia. Vão ser umas centenas! O Avelino que se prepare. O Esticadinho e o Manel das Vacas, idem. A semente que temos espalhado, já está a dar frutos e quantos mais dará! «O Gaiato» é um elo de ligação. Não há outro mais eficaz. Sr. Padre Carlos já teve a oportunidade de declarar, entusiasticamente, que a maior Obra que Pai Américo realizou foi, sem dúvida, «O Gaiato», o pequenino desordeiro, que transforma e alimenta as almas sequeiosas. Vamos prós cinquenta mil. Vamos, sim senhor!

Agora estamos em Moçambique. Estamos em Lourenço Marques, com o pé no estribo para começar a volta por toda esta província que tanto nos ama e onde Pai Américo labutou durante 18 anos, antes de ser Padre da Rua. Apesar da hora tardia a que o avião desceu — eram 3 e tal da madrugada — muitos eram os nossos amigos que aguardavam a nossa chegada. Abraços e beijos e lágrimas e repórteres e fotógrafos. Era Lourenço Marques. Os «Encanecidos» estão na mesma, com a mesmíssima fé e entusiasmo e amor pela cruzada de Pai Américo. Já realizámos um encontro com os Lourençomarquinos no Teatro «Manuel Rodrigues». Apesar da hora inconveniente — o comércio e a indústria estavam, ainda, com as portas abertas — a sala encheu quase completamente! Uma assistência viva, carinhosa, entusiástica. Os moçambicanos são assim. Jamais esquecem que Pai Américo também foi moçambicano. Quantos amigos ainda por cá tem! E como impressiona ouvi-los falar do seu Américo!

Ernesto Pinto

## Filhos de pai incógnito

Dia 16 de Junho, Festa do Corpo de Deus. O correio chegou. De Paço de Sousa veio uma carta. Dentro dela uma outra vinda de Newark. Trazia a data de 13 de Maio. Eu reparei nesta data. Quem, de tão longe, a escreveu, também esteve em Fátima com o espírito. As suas palavras são bem uma oração de quem nunca esquece a Pátria. Por amor a Ela é que esta carta me foi enviada. Há uma união muito grande entre a causa de Fátima e a razão de ser desta carta. A Senhora, quando falou aos três humildes pastorinhos, foi precisamente por via de muitas lágrimas e de muitos crimes aqui retratados nesta coluna de dor. Digo crimes, porque o filho de pai incógnito não é senão uma vítima, o pai o algoz, e o consentimento o cutelo degolador. O Ideal de Fátima não é outra coisa, senão a luta pela Fé e desvanecimento do pecado. Eu acredito em que as palavras que vos vou mostrar, foram escritas por quem tinha a alma no Santuário de Fátima, e o coração junto dos «filhos sem pai».

«Há tempos li no Gaiato um artigo... Passado algum tempo, li no «Luso Americano» — pioneiro do bem entre a Colónia Portuguesa, nesta longínqua e abençoada terra Americana. Com as lágrimas nos olhos, li-os. Tens razão, e esmaga o coração ver tantos inocentes nestas desastrosas condições que tu, nos teus justos artigos, tanto lamentas.

É justo pugnares por essa causa e acho que TODA A MULHER PORTUGUESA se devia pôr ao teu lado, pois pugnares pela sua própria causa. Filho de

pai incógnito, pobre filho, pobre mãe! Dois seres abandonados, precisando da maior das protecções. Quem compreendeu bem isso, foi o vosso saudo Pai Américo, que vos acolheu com todo o carinho. Esse verdadeiro Padre que tantas simpatias tem dentro da América, o qual eu ouvi várias vezes falar dos seus queridos gaiatos, pupilas dos seus olhos. Amava-vos com todo o seu coração! ...Fiquei deveras contristada, pois esse santo nunca devia morrer. Sim, ele nunca morrerá da mente de quantos o conheceram. Adeus e continua a pugnar pela tua justíssima causa, não pares, vai até ao fim...

Toda a MULHER PORTUGUESA de boa moral deve estar ao teu lado. Àvante, pois, sem receios nem timidez!»

Esta carta é para todos nós, é para todos os que sentimos um «bichinho» roer-nos na consciência. «Pobre filho, pobre mãe» é o coração da Mulher que assim sente. É o sentimento maternal a incitar-nos, para que lutemos para diminuir dores doutras mães e doutros filhos. É um apelo feito às mulheres portuguesas. Pensa o que podes fazer por esta causa, e diz, fala e ensina. Não te esqueças que cada filho de pai incógnito é uma vítima que sente o coração amargurado, por via de não ter o pai que lhe deu a vida. Não te esqueças dos pecados e dos vícios que se evitariam se desaparecesse dos registos esta mancha que tão cruel e tão amarga é.

Que o Espírito Santo nos faça ver com a Sua Luz.

## SETUBAL

continuação da primeira página

batia em cheio na areia, fazendo um calor de abafar num pádio de seis famílias e seis barracas. Pedimos licença:—**Olha o Senhor Prior**. Estavam a fritar peixe, num fogareiro de petróleo. O odor exalado da frigideira cortava, um pouco, o espesso e nauseabundo ar que ali se respirava. Ele encostado na cama. Ela, de cores, velava o seu peixinho. Uma divisão única com o máximo de três por três. Uma cama de ferro carcomida de ferrugem; uma mesinha ao lado cheia de tudo; era o cofre da família, onde guarda os documentos; o chão acidentado; um cão e um gato e mais nada. A mãe de família expõe: **Na cama dorme ele mais as meninas e o rapaz. No chão durmo eu mais as outrar duas que não estão doentes.**

Trouxe-o. Vinha esmagado com a dor dos dois esposos. O pai, fonte de vida, é agora de morte prós seus filhos. A mãe, (mulher limpa e asseada) fonte de amor, dorme na terra por amor.

E eu vinha contente porque o pequeno vinha contente.

Chegados a casa, Isidoro foi-lhe rapar a longa cabeleira, Marreco foi dar-lhe banho e Octávio trouxe roupa lavada.

O pequeno ao sentir-se lavado e aliviado, com corredores largos e compridos, avenidas rasgadas entre as laranjeiras, corria, corria, corria.

Pareceu-me um pouco anormal. E é. Nós não podemos esperar outra coisa das barraeas, senão a anormalidade. Os rapazes, ao verem-no assim radiante e às corridas, puseram-lhe o apelido Strómex. Eu não sei o que isto quer dizer. Se alguém souber, queria que mo dissesse. Strómex. Agora, cá em casa, é o Strómex. E quantos Strómexes não há por aí? Aqui, vamos nós buscar a nossa força. Ali é que ela está. Nos Strómexes. Não está no dinheiro. Não que o dinheiro mata. A força está nos Strómexes que são o Cristo que a sociedade abandona, para se entregar a si mesma.

Eu tenho tanto medo dos meses de verão. Tão pouca gente se lembra de nós.

Também a Providência Viva, Activa e Amiga dos Strómexes quer que eu assim te escreva.

Padre Acílio



As notícias de África são de-  
veras animadoras. Todos rejubi-  
lamos com isso e não nos esque-  
cemos de pedir que continue co-  
mo até aqui. Todos mandam  
muitas saudades do Snr. P.e Ho-  
rácio, Sr. P.e Baptista, Sr. P.e  
Manuel, Snr. P.e José do Tojal,  
Snr. P.e Acílio de Setúbal, que  
teve muita pena de não se poder  
ter despedido. Fomos testemu-  
nha. Mais um xi do Frei Simeão  
que vai colher um raminho de  
flores para lhe oferecer! Mais  
outro do Senhor Engenheiro.  
Mais do Avelino, do Pinto e do  
Quim Carpinteiro. Uma «ferra-  
dela» do Carlitos, do Tomás e  
do Soares que está com uma  
grande esperança!...

Mais um do Mário Tito que  
está a trabalhar bem. Do Bojarda,  
do Fabião que lhe quer dizer um  
segredo ao ouvido e puxar as  
orelhas ao Mendes. O Quim Pe-  
quenito que foi passar uns tem-  
pos à Praia de Azurara e diz que  
o seu negócio está a correr estu-  
pendentemente. Um do Brasileiro e  
outro do Camurra que está  
todo simpático. Do Peniche nem  
se fala. Está contentíssimo, por-  
que os trabalhos do campo estão  
a correr muito bem! Mais  
um do Caracol, do Tutoria, do  
Pipas e do Carocba que tem  
procurado cumprir. Mais isto e  
mais aquilo e mais nós...

Uma das notas mais entere-  
cedoras da nossa Obra são os  
nossos sobrinhos. Portanto, netos  
da Obra, porque filhos dos nos-

soz colegas que são irmãos. O  
Linito e Aninhas do Avelino.  
Américo e Zé Carlos do Mendes  
e Menita, do Manuel Pinto. Não  
esquecendo, evidentemente as do  
Abel e o Carlos do Cândido, que  
recentemente foi baptizado. To-  
dos lhes fazem festas. Todos gos-  
tam de abraçar e heijar estes pe-  
queninos que são dos frutos mais  
preciosos desta Obra revolucio-  
nária no campo social. São no-  
tas que em todos os momentos  
caem bem e ajudam muito a for-  
mar caracteres nestes rapazes  
que outrora eram repudiados,  
enxotados, pois andavam aos  
pontapés de todos!

Como é enternecedor vê-los  
ao colo, passeando pela mão ou  
brincando com os batatas pequeni-  
nos como eles, e como faz bem  
este quadro de amor que divisa-  
mos todos os dias. Quem pode  
ficar indiferente? Quem não sen-  
tirá, dentro de si, novos alentos  
para o ardor desta luta que tra-  
vamos no dia a dia? Quem se não  
sentirá remojado e com desejos  
de ser melhor, ao deparar com  
esta benção que é colocada a  
nossos pés?

Os teares já trabalham. Zé-  
quita e Chico é que são os ope-  
radores. Agora não vai faltar o  
pano. Quando tal precisamos de  
fregueses para o comprar. Nos  
próximos tempos ainda não. As  
outras casas também são gente e  
vão fazer as suas requisições. O  
que queremos, sobremaneira, é  
que não voltem a parar. Pano

que se fabrica. Mãos que se ocu-  
pam. Homens que se fazem. Obra  
que se completa mais. Amor que  
se espalha com estes corações  
que vibram!...

«É favor não entrar nesta casa  
sem ordem do da limpeza, por-  
que senão são castigados pelo  
Quim Carpinteiro. — Dita II».  
Letreiro afixado na porta de  
entrada da Casa I, pelo «respec-  
tivo das limpezas» que não quer  
que se suje, mas a verdade é que  
Dita tem a casa com muitas teias  
de aranha e volta e meia o To-  
más tem de lhe chegar a roupa  
ao pelo. É a casa que tem menos  
habitantes e é de todas a mais  
suja. O aviso está muito bem,  
mas primeiro é preciso estar tu-  
do em ordem e depois, o amigo  
Dita tem muita razão de se es-  
camar, de contrário escama-se o  
Quim... e o Senhor Padre Ma-  
nuel que não é muito adepto dos  
condes...

Agora está na mó de cima o  
Rink de Patinagem. Desta vez  
sempre vai. Todo o mundo lá  
trabalha e é de crer que, dentro  
em pouco estará apto para a sa-  
lutar prática do Oquei que tem  
muitos aficionados cá em casa. O  
pior serão as consequentes dores  
de cabeça que vai proporcionar,  
como quase todos os desportos  
cá em casa, a começar pelas mo-  
tos... de pau, arcos, futebol,  
ping-pong...

A Equipa da Tipografia já se  
está a formar e quer fazer  
figura, mas a verdade é que os  
equipamentos são um caso sério.  
Os patins são muito caros. Sen-  
hor Padre Carlos começa a co-  
çar a cabeça, Senhor Padre Ma-  
nuel ajudará à missa, pela certa,  
e nós ficaremos ainda por muito  
tempo a ver navios. Mas os se-  
nhores vão começar também em  
disputa e com essa rivalidade  
esperamos ficar a ganhar e, a seu  
tempo, a Tipografia terá o seu  
equipamento e mais uma moda-  
lidade ficará a fazer muito bem  
ao corpo e à alma das nossas  
gentes! Estamos a ver que tere-  
mos de formar uma pequenina  
procição. Quem será a primeira  
pessoa que levantará o dedo? Os  
tipógrafos esperarão confiados e  
depois, os nossos amigos virão  
aplaudir os seus ídolos. Quem  
quer ser o padrinho da Tipogra-  
fia no belo desporto do Oquei,  
em que Portugal é o campeão? Esperamos confiados!

Mais festas. Mais alegria. Des-  
ta vez foi na casa da mata. Foi  
bacalhau com batatas, vagens,  
cebola, salada de tomate, maçãs  
assadas, vinho e um cigarrito.  
Não fossem uns pequenos «se-  
nãos» e teria corrido de uma  
maneira maravilhosa. Mas mes-  
mo assim não deslustra. Pode  
dizer-se que foi brilhante a todos  
os títulos.

O barulho das gentes da Ti-  
pografia, a boa disposição do Se-  
padre Manuel António. A presen-

Senhoras e Senhores:

Vamos tratar de preparar a  
nossa casa nova ou seja «o ni-  
nho dos pintainhos». Eu conto  
com a colaboração de um grupo  
de raparigas que espontânea-  
mente puseram ao dispôr de  
«Belém» alguns dias das suas fé-  
rias. Este trabalho será levado a  
a efeito, durante os meses de  
Agosto e Setembro.

Ora eu preciso de «matéria  
prima» e «ferramentas», para  
pôr à disposição desta «equipe»  
de trabalhadoras voluntárias que  
viverá na própria casa a prepara-  
r, em regime de Colónia de  
Férias. Queria, mesmo, aprovei-  
tar a ocasião para aumentar as  
peças do nosso bragal, o que se-  
rá adiantamento nos preparati-  
vos para futura ocupação de ca-  
sa própria, em quinta nossa.

As caminhas encomendadas já  
chegaram de Avanca, e vamos  
agora adquirir outras peças de  
mobiliário.

Como creio que muitos dos  
amigos de «Belém» não-de querer  
ajudar-nos a dar mais este pas-  
so em frente, resolvi apresentar  
aqui a lista dos artigos de que  
mais precisamos e que ainda não  
foram adquiridos:

- 1.º — Um gazcidla de dois  
bicos pelo menos.
  - 2.º — Um cilindro eléctrico  
para o quarto de banho.
  - 3.º — Uma máquina de costura.
  - 4.º — Uma máquina de escre-  
ver.
  - 5.º — Um ferro eléctrico de en-  
gomar.
  - 6.º — Louça da cozinha e de  
mesa.
  - 7.º — Peças de pano para  
lençóis e almofadas.
  - 8.º — Toalhas de rosto.
  - 9.º — Mantas de trapos novas.
  - 10.º — Cobertores de lã para  
confeccionar mantas.
  - 11.º — Amostras de tecidos  
para colchas.
- Esperarei pelas vossas dádi-  
vas, até 20 de Agosto e, daí por  
diante, começarei a comprar os  
artigos que não recebi... E em no-  
me de Jesus, Maria e José, que  
comandam os destinos de «Be-  
lém», tudo o necessário se con-  
seguirá.

Que por todo o género de co-  
laboração prestada, Jesus Menino  
vos pague cem por cento, são os  
os votos amigos da,

Inês

ga mui simpática dos padrinhos  
que já se sabe não podem faltar  
a estes momentos. Avelino e sua  
prole. O Rocha com um chapéu  
de menina, o Alfredo que era  
o fiscal das cozinhas, a especia-  
lidade do Mário Tito. O Adolfo  
que se encontrava de óculos e a  
lavar discos. O Alberto Ramada,  
sempre a olhar para o lado co-  
mo que a querer dizer qualquer  
coisa. A grande alegria do Peni-  
che...

Depois, a Orquestra da Lavou-  
ra distinguuiu-se. Na verdade to-  
cou e muito bem. Apenas umas  
pequenas faltas que era o tocar  
muito alto quando os cantadores  
tomavam a palavra, mas que de-  
pressa o «Sepadre Manuel» cor-  
rigiu e o «negócio» correu  
sempre estupendamente. O Ca-  
vaquinho do António Perú até fa-  
lava. A viola do Se Corujeira  
dava cartas. O hombo do Ti-  
João Manco dançava... O da  
concertina destacou-se muito bem  
com os seus maravilhosos solos.  
Os ferrinhos ouviam-se e todos  
escutavam. São assim as festas  
à gaiata. É assim a nossa ale-  
gria...

Os tipógrafos, cá em casa, têm  
a mania da superioridade sobre  
«todo o mundo» e vá de chamar  
parolos aos outros, o que tem  
originado várias zangas. «Os ti-  
pógrafos distinguem-se, mas não  
fazem nenhuma avaria. No meio  
desta parolada toda... De facto  
não está certo. Que cada um te-  
nha as suas «peneiras» ainda se  
admite e é próprio de todos es-  
tes corações em fogo de jovens,  
mas deve haver um mínimo de  
respeito de uns para com os ou-  
tros, pois cada officio tem as suas  
virtudes e cada um a sua digni-  
dade própria. Cada um ama, por

consequência, mais o que é seu e  
o cantinho onde ocupa a maior  
parte das horas do dia.

Campanha. Continua a cam-  
panha e nós, dentro em  
breve espaço de tempo, es-  
peramos estar nos cinquen-  
ta mil. Acabamos mesmo agora  
de receber carta do Júlio Mendes  
e do Senhor Padre Carlos e um  
magote mais de novos assinantes  
que enfileiram desta forma neste  
movimento de «O Gaiato» em to-  
das as Famílias Portuguesas.  
Já dissemos e voltamos a repetir.  
Não pararemos nunca sem o  
objectivo ser atingido. E, com a  
colaboração estreita de todos,  
não será difícil. A questão é que  
cada um proponha um. Um só,  
caro leitor. De África, as noti-  
cias são estupendas. Só por isto  
que fosse, a viagem teria sido  
magnífica, mas muitos mais fru-  
tos não-de vir. Muitos mais  
corações explodirão. Muitos gen-  
tes, ávidas da verdade baterão à  
nossa porta. Assinantes. Muitos  
assinantes. Muitos membros pa-  
ra esta já tão numerosa família.  
Nunca te aflijas, amigo, de perto  
ou de longe, que o jornal te ba-  
terá à porta sempre a horas. Se  
esta máquina não vencer, virá  
uma rotativa e com isso todos  
ganharemos. E o jornal lá con-  
tinuará a seguir, em grande nú-  
mero para a América, África,  
Brasil, Inglaterra e até para a  
Rússia, pois a nossa linguagem  
é universal. É a linguagem do  
Amor, sem distinção de raças e  
de credas!

Daniel

## Inquietação Sacerdotal

«Não posso guardar silêncio por  
mais tempo. Sinto necessidade de  
me abrir com quem, tenho abso-  
luta certeza, me compreende.

Considero a hora em que li  
o 1.º jornal «O Gaiato» como  
uma das mais decisivas da minha  
vida... Hora mil vezes abençoada...  
Hora despertadora duma  
consciência adormecida...

Oh! quanto devo já à Obra  
da Rua!

Foi naquela manhã de 27 de  
Outubro de 1956, que eu come-  
cei a compreender que a minha  
vida Sacerdotal nunca poderia  
ser para mim, mas sim de doa-  
ção completa e total...

Não me canso de ler o livro  
«O Barredo». O meu coração  
parte-se, o sangue parece querer  
reventar de minhas veias, não  
consigo reprimir as lágrimas sa-  
bendo do estado miserável de  
tantos e tantos membros do Cor-  
po Místico.

Numa época de comodismo e  
vida fácil, a Obra da Rua é das  
únicas capazes de levar todos os

Tenho pena de não poder  
alongar-me mais. Mas tenho de  
travar a alma transbordante de  
emoção por quanto o Ultramar  
nos tem proporcionado. Graças  
a Deus!

Júlio Mendes

homens a compreenderem a obri-  
gação que têm de cooperar na  
salvação dos nossos irmãos des-  
protegidos pela fortuna...

Estou em vésperas de dar mais  
um passo em frente, a caminho  
do Sacerdócio. O Sacerdócio  
aproxima-se a passos de gigan-  
te...

Quero ser pobre por amor de  
Cristo. Dar-me totalmente a Ele,  
pelo voto de pobreza. A semente  
está lançada no meu pobre co-  
ração. O Senhor se encarregará  
de amadurecer.

Agora um propósito: Vou pa-  
ra férias. Esforçar-me-ei por con-  
seguir, na minha aldeia, algumas  
assinaturas para o «Famoso». Quero  
dar o meu pequeno contri-  
buto para que, em breve, o nos-  
so jornal seja o mais lido em  
Portugal. Não podemos descan-  
sar enquanto tal desejo não se-  
ja realidade... Oh! quanto eu  
espero do «Gaiato»!

Os seminaristas e estudantes  
de Portugal — esperança radio-  
sa do Portugal futuro — têm  
absoluta necessidade de ler o  
«Gaiato». Ali beberão a seiva  
preciosa do amor para com o pró-  
ximo, ali aprenderão a ver em  
cada pobre alguém a eles seme-  
lhante.

Perdoe-me Senhor Padre estes  
desabafos... mas eu tinha que  
dizer alguma coisa.



## AZURARA

Dias iluminados por um sol escaldante têm presenciado a alegria dos *batatinhas* nesta praia fustigada, sem cessar, pelo vento norte.

Soh a vigilância do Quim, o irmão mais velho, eles obedecem, diariamente, a um horário que lhes impõe momentos de trabalho, de recreio e de descanso.

Manhã cedo, ei-los já irrequietos, comunicando-se mutuamente a alegria

de mais um dia que começa. O que vale é que o Quim ainda dorme... E o *Meia-Lua* não tarda a andar pela cozinha, atarefado com o pequeno almoço. E a verdade é que ele, pelo menos, diligente é... E como prémio teve, já por duas vezes, a visita honrosa do *senhor bispo* (na sopa, é claro). A quando da visita do Russo, dizia o Jorge, a propósito: — «Agora é que vai ser comer, até vamos ficar gordos!»...

x x x

## TRIBUNA DE COIMBRA

**F**

*RUTA da nossa quinta e as uvas da beira das ruas são uma tentação permanente para os descautelados. Ora aconteceu encontrarmos com frequência um ou outro com fruta dependurada ao pescoço. É muito simples: menino que vai à fruta sem licença, já sabe que o chefe o manda andar com ela, à frente da boca, o resto do dia, sem a poder comer. Vamos ver se dá resultado, já que só conselhos não o dão.*

*A moda da fruta ao pescoço começou assim: um deles, já de 15 anos, no tempo em que comíamos e tínhamos ameixas com abundância, passou no caminho e derrubou 2 ameixas que não eram nossas. Felizmente que o soubemos logo e ele teve de andar toda a tarde com um cesto delas ao pescoço; e a moda pegou.*

★

*ESTE moço das ameixas, há tempos, subiu à nespereira de um vizinho e ao descer, pelo nosso muro, caiu e partiu um braço. Calou-se muito caladinho e já passava da meia noite, quando foi aflito contar tudo ao chefe e pedir-lhe para ir ao médico. No dia seguinte, toda a gente veio a saber e ficou a ser chamado o nêspereira.*

*Até agora, era conhecido por 37. Outra história triste: quando andava na escola tirou esta quantia e ia a fugir a caminho de casa. Eis a história das suas alcunhas: primeiro 37, depois nêspereira, agora ameixa. Alcinhas tristes, de factos tristes. Esperamos que ele venha a considerar e vá por outro caminho. Este mocinho, quando veio da rua, punha a mão a tudo que encontrava. Apesar destas últimas, hoje já está melhor.*

★

*OLAS. Elas são causa de muitas quebras de cabeça e muitos vidros quebrados e muitas paredes sujas. Ora, há tempos, aconteceu uma muito boa. O chefe acordou, já de madrugada, com um barulho estranho. Levantou-se e foi ver. Muito simples: um desafio de bola na sala de jogos dos miúdos. Os cozinheiros e copeiros e refeiteiros, no fim das suas obrigações que acabaram tarde, organizaram um desafio. Era o Tó-tó, Ratinho, Faz-me-riir, Banana, Saquinhas e Correio. O pior do desafio foi quando viram o chefe à porta!*

★

*CARTAS. Jogos de cartas. Ele nem, são cartas nem são nada. São papéis com figuras, mas para esta gente tudo serve para jogar. Uma noite destas, quando já todos estavam deitados, eu passei, vi a luz acesa e entrei na camarata. Era o Carcaça e o Daniel, ambos de doze anos, a jogar as cartas em cima da cama. Todos os vizinhos já dormiam a sono alto.*

*Ora vejam os Senhores se nós nos podemos deitar e dormir descansados na Casa do Gaiato! Vejam lá.*

★

*NINHOS. Eles são o centro de todos os recreios, (e fora dos recreios), desde os pequenos aos mais velhos. Ninhos a fazer; ninhos já feitos; o pôr e contar dos ovos; o chocar dos mesmos; os passarinhos a nascer; eles já com penas e gaiolas preparadas para os receber. Nós somos sempre contra o tirar dos ninhos. Mas criar os passarinhos, sim. É uma dedicação espontânea.*

*Este ano temos andado com pouca sorte. Só temos no aviário, além das rolas, um mocho de um grupo deles que os da erva encontraram no tronco de uma oliveira. Por acaso, o mocho, de feio que é, é um encanto pelas caretas que faz e pelas bicadas que dá. É mais um passatempo em nossa casa.*

Padre Horácio

Fomos há dias encontrar o *Quinzito Gordo* a chorar. Era o maroto do vento que porfiava encher-lhe os olhos com areia. Mais tarde, será o sol que lhe queimará a pele das costas. Então não o ouviremos dizer outra coisa senão: «não me toquem».

Enfim, nesta família em que todos vivemos, a monotonia não assenta arraias, ainda que o horário se repita todos os dias.

Após o pequeno almoço, têm os *batatinhas* uma hora para trabalhar. E há que fazer para todos. E todos trabalham. É que, embora o ambiente tenha mudado, o espírito e a disciplina permanece.

A catequese é no fim da manhã. Escutam com atenção. E fazem perguntas. E o *Casaca* não falta mesmo doente dum pé.

Todos esperam a hora da praia com ansiedade. É que todos querem «chegar tostadinhos a Paço de Sousa para ser uma categoria». Mas no princípio era quase só o *Quinzito Gordo* quem tomava banho. Agora, uns por gosto, outros por brio, quase todos o fazem.

Os Seminaristas

III

### LAR DE COIMBRA

CONFERÊNCIA: «...Pobres sempre os tereis no meio de vós». São palavras de Jesus, dirigidas aos Apóstolos.

Ora, sendo assim, jamais poderemos parar, pois sempre teremos algo a fazer, deveres a cumprir para com eles.

Por vários motivos, alguns bastante justificativos, a Conferência Vicentina do nosso Lar de Coimbra, atravessa uma crise de ineficácia e de inação, devido à qual resolvemos dar-lhe um novo aspecto, uma nova orientação.

Até aqui protegíamos pobres, ultimamente em número bastante reduzido, dos quais não víamos, praticamente, qualquer proveito da nossa acção, quer material, quer espiritual. Eram os pobres habituais, os pobres por tradição.

Em face de tal estado de coisas, voltámo-nos para os habitantes das casas do Património. Na verdade, se há pobres que necessitam extremamente de amparo, estes, de modo algum, podem prescindir dele.

É que, regra geral, os pobres são-no material e espiritualmente. Não têm capacidade para se governarem e, se ninguém lhes deita a mão, é um descabro completo. Ora, os habitantes do Património habitam santuários de almas; estão em pleno estado de regeneração. Urge, por isso, que alguém os auxilie.

É, por isso, que todas as semanas temos ido visitar os habitantes das casas do Património de Coimbra — Conchada, Arregaça e Adémia.

Vamos, sem sabermos quando, e é sempre com grande prazer que vamos. Aqui e ali há problemas cruciantes à espera de solução, mormente na Arregaça e Conchada. Na Adémia somos sempre recebidos em grande festa pelas crianças do Bairro, o mesmo acontecendo à despedida.

Depois, todos querem que entremos em suas casas, todos nos querem falar, fazer as suas queixas e tantas são às vezes. Enfim, são sempre horas cheias as que passamos nestas visitas.

Perguntarão: mas afinal qual é o fim dessas visitas? Oh! há tanto, tanto a fazer! Quer na Conchada, quer na Arregaça, não nos falta aí que fazer, mas na Adémia, agora a menina dos nossos olhos, aí nem o imaginamos. Dezoito famílias com problemas de toda a ordem; mais de setenta crianças que são outros tantos quebra-cabeças dos habitantes e nossas.

Ele são queixas uns dos outros, ele são vidros partidos, areia das obras espalhada, canteiros estragados, ele roubos de fruta pela criança, ele mil e uma coisa.

Ontem fomos fazer mais uma da série de visitas que vimos já fazendo, há uns tempos para cá. Na Conchada, não encontramos nada de novo, excepto um grave problema moral, cuja solução ignoramos ainda qual seja. Na Adémia, visitamos todas as casas, à excepção das que estavam sem nin-

guém, por estarem ausentes para a Figueira da Foz os seus moradores, a fim de amealharem algum dinheiro durante esta época balnear.

Ouvimos queixas de pessoas que deixaram de protegê-los pelo facto de agora terem uma casa. É caso para perguntar: de que vivem? É do ar? É lastimoso que haja gente que pense precisamente ao contrário de como devia pensar. De facto, não ignoramos que o terem uma casa é uma grande coisa, é «um céu» como eles dizem, mas não é uma casa que vai resolver tudo. É, por isso, que nós lá vamos e procuramos resolver os problemas daquela gente, na medida das nossas possibilidades. São os penhores destes e um emprego para aquele; a conta elevadíssima, impossível de pagar, na loja e na padaria; é a educação dos filhos, etc.. Tudo isto é campo para a nossa acção. Todas as vezes que vamos, deixamos por lá muito dinheiro e no entanto não chega para nada. São gotas de água no oceano. E o oceano não será formado por gotas?

Esperamos que as vossas gotas, estimados leitores, lembrando muito especialmente agora, em que despreocupadamente gozais as vossas férias e em que os pobres se sentem mais abandonados, esperamos, dizíamos, que as vossas gotas corram em forte caudal para a nossa Conferência, a fim de podermos prosseguir nesta empresa a que nos lançamos.

Carlos Manuel Trindade

III

### LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA: Em primeiro e antes de tudo, peço desculpa à Srna. D. Sara P. Coelho, de Lourenço Marques, cuja senhora nos pediu uma família para ajudar. «Gostava, precisava, de ter no Barredo uma família pobre que não me conhecesse, mas que eu servisse para não me acontecer esta desgraçada coisa, de gastar em bolos o que lhes faz falta em pão, poderia fazer muito por elas.

Sim, minha Senhora. Tem a família que tanto deseja e que abaixo passo a descrever.

Quantas e quantas Senhoras da alta sociedade passam as tardes ociosas, por essas pastelarias e que, por vezes, despedem as crianças famintas com tão maus modos.

Não é preciso que lhes dêem doces, pois as crianças pobres não estão nem devem ser habituadas a tanto, mas sim que directa ou indirectamente lhes façam chegar às mãos um bom bocado de pão.

Trate-se de saber onde moram tais crianças, mas se tal não quiserem, existem muitas Conferências de S. Vicente de Paulo que as visitam, nos seus próprios tugúrios imundos e mal cheirosos, como quem entra no seu próprio e aconchegado lar, e que por vezes não fazem mais visitas por falta de algo de material, porque «primeiro temos que encher os estômagos».

Nunca! Nunca escorracemos uma criança, como já algumas vezes tenho visto; tratemo-la como nosso filho ou irmão, pois não somos, por ventura, filhos do mesmo Pai?

Pois a família que pertence a esta boa Senhora a quem informamos que, desde a sua primeira carta, passou a ser visitada, não é aquela cuja morada e nome o Senhor Padre Carlos levou para lhe entregar, mas sim esta que agora descrevemos. Houve um engano do que pedimos desculpa.

Ora a família desta componente é constituída por pai, mãe e seis filhos de tenra idade, moradores na Rua Fonte Taurina 56 — 1.º.

Vivem num imundo quarto. O quarto tem 5 ou 6 metros por 3 de largo, se é que os tem e pagam nada menos que 6\$00 a 8\$00 por dia.

A vivenda tem uma janela para a rua, porque as autoridades obrigaram a inutilizar os outros buracos internos. As mesmas entidades também mandaram fazer obras em certos prédios, mas o certo é que os senhores só fazem obras nas fachadas, porque, para fazerem nos imundos quartos, é preciso aumentar o aluguer aos inquilinos.

Era bom, pois, que os fiscais entrassem dentro dos quartos e vissem a imundície que nestes existe. Não tenham nojo ou medo de não aguentarem os maus cheiros destes inabitáveis quartos, que mais parecem armazéns de carne humana, pois muitas pobres famílias também lá vivem e quem ama os pobres também lá entra. E se provarmos o seu caldo lavado e comermos um bocadinho do seu rígido pão? Isso é que eles se sentem alegres e felizes.

Não se devem guiar pelas palavras de certos senhores; vejam com os próprios olhos e apalpem com os próprios dedos; não vejam só as fachadas porque os donos destes prédios, directa ou indirectamente, porque são senhores da alta sociedade, não são nada menos que exploradores da miséria. «Se não pagares ao fim do dia vais para a rua». Estas são as palavras duras e impiedosas que esta família, assim como muitas outras, dizem aos confrades ao pedirem permanentemente «uma ajudinha para o aluguer pois hoje ainda não ganhei nada».

Estas famílias, assim como esta pertencente à presente componente da campanha «tenha o seu Pobre», são verdadeiros ninhos de mártires da tirania da sociedade que se diz civilizada.

Eu pertenço a uma família numerosa de 12 filhos, e muito novos ficámos orfãos de pais e não chegámos à extrema miséria porque alguém nos deitou a mão, bastante a tempo e, talvez por isso, amo ainda mais a nossa querida Obra da Rua.

Esta Senhora diz e muito bem «não quero ter a desgraça de gastar em bolos o que lhes faz falta em pão».

Esta é a verdadeira fé cristã que alimenta o amor do próximo.

Pois, quanto bem não fará esta Senhora, por muito pouco que mande para esta família?

Para já, não verá sinais de bem espiritual nesta família, mas com o tempo levá-la-á, mesmo já com os 6 filhos, ao pé do altar, pois já não é o primeiro caso e, se o fosse, não tínhamos nada de que nos admirar.

Os filhos deste casal são uma fonte de doença, talvez por falta de alimentação e por falta de condições de higiene naqueles prédios.

Um está no sanatório, um outro anda no dispensário, o pai também sofre dos pulmões e os outros filhos também para lá caminham, se não se lhes deitar a mão, pois os 5 escudos diários que esta pobre mãe ganha por cada calção que faz, para um comerciante de roupas feitas, existente na Ribeira, e mais uns tostões por pequenos recados que faz, não chegam ou melhor não são nada para o sustento da família e do enorme aluguer do pequeno tugúrio.

Do que esta família precisa, minha boa Senhora, conforme quer que a informemos, seu conselho será dizer-lhe, porque o seu coração, melhor do que nós, lhe ditará.

É uma pobre mãe, sem recursos, a aguentar uma numerosa família. Os filhos, todos rapazes, vão de 14 a 20 meses de idade e o pai, pela pouca saúde que tem, não ganha coisa alguma.

Agora mudando de assunto, mas não deixando de falar dos Pobres. Bons amigos, já resolvemos um pouco o alojamento do pobre da Lapa, pois conseguiu-se um quarto na mesma casa que fica no primeiro andar, onde a filha passou a pernoitar e como o habitante da dita casa está para sair (salvo erro), o senhorio passará a alugar toda a casa a esta família que, com a ajuda do componente deste pobre, ajudaremos mais avultadamente no aluguer.

Quanto a donativos; recebemos, por intermédio do Conselho Particular, de um benfeitor a importância de 7 contos e qualquer coisa, pela qual já pedimos ao Sr. Padre Manuel para celebrar uma missa, segundo o desejo do mesmo Conselho e nas nossas orações o benfeitor não é esquecido, já que mais não podemos dar.

Como de costume, temos recebido os 100\$0 habituais de F. V. de Lisboa, mais os 20\$0 da anónima 7 de Maio e mais os 40\$00 da assinante 14.305.

Fernando Dias